



Cesta Sabores da Terra e a experiência de construção de redes agroalimentares de alimentos em Campos dos Goytacazes - RJ
Cesta Sabores da Terra and the experience of building Agrifood Networks in Campos dos Goytacazes – RJ

LIMA¹, Maria do Socorro Bezerra de; PEREIRA², Vanuza da Silva; SANTOS³, Erika Vanessa Moreira; SANTOS⁴, Larissa Freitas dos; CARLOS⁵, Thalles Martins Soares; CORRÊA⁶, Caroline Bastos; LIMA⁷, Françoar Ferreira

¹ Universidade Federal Fluminense, msblima@id.uff.br; Universidade Federal Fluminense, vanuzasilva@id.uff.br ², Universidade Federal Fluminense, erikamoreira@id.uff.br ³ Universidade Federal Fluminense, lsantof.17@gmail.com ⁴, Universidade Federal Fluminense, thallesmartins@id.uff.br ⁵, Universidade Federal Fluminense, cbastos@id.uff.br ⁶, Universidade Federal Fluminense, fllima@id.uff.br ⁷

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: As distintas crises ecológicas, energéticas e alimentar, entre outras, na qual a sociedade contemporânea vive requer o desenvolvimento de iniciativas que ofereçam formas de cultivo, distribuição e consumo pautadas numa relação horizontal entre os indivíduos e dedicada à conservação dos recursos naturais, como, as desenvolvidas pelas Redes Alimentares Alternativas e as Cadeias Curtas de Abastecimento Alimentar. Nesse contexto, o presente trabalho busca apresentar as ações desenvolvidas pela experiência de um circuito curto de comercialização de alimentos a partir da venda direta realizada por meio da Cesta Sabores da Terra no período de 2014 a 2020 na Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. O projeto Cesta Sabores da Terra fundamentou-se em metodologias participativas, voltadas para a formação dos agricultores (as), estudantes, professores e consumidores participantes, tendo como resultados a diversificação da produção, a inclusão socioproductiva e a construção de novos circuitos de comercialização e o fortalecimento de redes alimentares alternativas no município.

Palavras-chave: comercialização, circuitos curtos, soberania alimentar

Introdução

A sociedade contemporânea tem se defrontado com um conjunto de problemas que coloca em xeque nossa própria reprodução. As mudanças climáticas, a crise energética e ambiental, as doenças infecciosas e crônicas, incluindo a recente crise sanitária provocada pela pandemia da Covid-19 e a questão alimentar tornaram-se centrais na agenda dos diferentes países e governos. A questão alimentar, sobretudo a insegurança alimentar mais grave, deixou de ser vista apenas por sua “natureza climática”, mas decorrentes de escolhas políticas e da concentração de renda, estas, geradoras de desigualdades sociais e econômicas entre países e regiões (CASTRO, 2006).



O sistema agroalimentar global demonstra ser falho e insuficiente para atender aos requisitos de segurança alimentar e sustentabilidade ecológica e ambiental. Produzimos baseados no uso indiscriminado de insumos e agrotóxicos, que contaminam o alimento, o solo, os recursos hídricos e os agricultores ao redor do mundo. O estudo divulgado pela Food and Agriculture Organization - FAO (2021), sobre o estado da degradação do solo motivada pelo ser humano no mundo, indica vários tipos de degradação entre estes: perda da camada superficial do solo, portanto de nutrientes e matéria orgânica, compactação do solo entre outros.

Além disso, devido ao alongamento do sistema agroalimentar global produzimos e consumimos a longa distâncias impactando na quantidade de energia dispendida no transporte e abastecimento e na quantidade de combustíveis fósseis utilizados para esta finalidade.

A busca por alternativas de produção e consumo sustentável e renovável dos recursos naturais e à luta contra a insegurança alimentar, passa necessariamente pela mudança nos padrões adotados pelo sistema agroalimentar global. Ao longo dos anos, estudiosos e movimentos sociais tem criado caminhos inovadores visando contribuir para esta mudança. Inúmeras experiências práticas e abordagens teóricas sobre Redes Alimentares Alternativas (RAAs), (MARS DEN; RENTING et al., 2017) apontam para caminhos alternativos de produção, consumo e abastecimento. Segundo Renting et al (2017), RAA são redes emergentes na qual diferentes participantes (produtores, consumidores e outros atores) incorporam alternativas ao modo padronizado e dominante de produção e abastecimento alimentar industrial. Estas privilegiam a aproximação entre produtores e consumidores, assim como relações sociais.

As redes alimentares alternativas são muito diversas e privilegiam os circuitos curtos de comercialização de alimentos (CCCA). Apesar da existência de diversas formas de circuitos curtos de comercialização Rover e Darolt (2021, p.21) os classificam como inovações sociais, especialmente aqueles ligados a sistemas de produção agroecológico/orgânicos e se caracterizam pela “reconexão entre agricultura, alimentação, saúde, meio ambiente, economias locais e territórios”.

Neste artigo, **exploraremos algumas dimensões e dinâmicas observadas no circuito curto de comercialização de alimentos a partir da venda direta** realizada por meio da Cesta Sabores da Terra no período de 2014 a 2020 na Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. A emergência desse tipo de circuito curto de alimento no contexto do município de Campos dos Goytacazes visava promover tanto a **inserção socioproductiva** de grupos de produtores fora do circuito (mulheres e jovens), concomitante ao aumento da remuneração dos produtores e a oferta de preços mais acessíveis aos consumidores. Este debate estava acompanhado das discussões sobre transição agroecológica que vinham acontecendo no âmbito de coletivos, movimentos e instituições de pesquisa na cidade. Neste sentido, a construção de estratégia de **interação face-a-face** como propõe a literatura e que foi adotada CCAA da Cesta Sabores da Terra se mostrou um mecanismo de alinhamento entre produtores-consumidores promissor. Essa relação direta apoiou-se nas relações de **proximidade espacial e espacialmente estendida** com produtos locais incorporando informações de valor para os consumidores.



Uma outra dimensão presente neste CCAA operado foi o de **dupla formação**. Por tratar-se de um projeto de extensão universitária, o embasamento teórico e prático da equipe e dos consumidores sobre agroecologia caminharam concomitantes as discussões sobre educação do campo, papel dos consumidores e políticas públicas. Este artigo, além desta introdução, apresenta a metodologia adotada ao longo do período de vigência do projeto Cesta Sabores da Terra e, por fim, discutirá alguns dos resultados alcançados, refletindo e problematizando sobre as dimensões institucionais e econômicas no qual esse CCAA esteve envolvido, as relações e interações entre produtores e consumidores e o aprendizado sobre o papel da extensão-pesquisa universitária, os quais acreditamos dialoguem com o eixo Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária e podem colaborar para outras pesquisas e reflexões de experiências desta natureza.

Metodologia

Adotamos as seguintes etapas do processo de organização, divulgação e entrega da Cesta Sabores da Terra.

1 – Planejamento participativo: envolvia a equipe e os produtores participantes. O levantamento era realizado quinzenalmente por um membro da equipe e organizado em uma planilha para identificarmos quais os produtos disponíveis por agricultor. Após essa etapa, a lista dos produtos era disponibilizada nas redes sociais para recebimento dos pedidos que eram organizados em uma planilha de Excel identificando o consumidor, o produto, e a quantidade solicitada. Nesta etapa também se inclui as tarefas de coleta, organização e entrega da cesta aos consumidores.

3 – Diagnóstico Participativo – de realização periódica, constava do levantamento dos produtos e da capacidade produtiva dos agricultores (as), informação sobre a trajetória agroecológica e a diversificação da produção, bem como a sazonalidade dos produtos e a discussão sobre os preços. Para esta etapa construímos um questionário para a coleta das informações dos agricultores. Nesta etapa também realizávamos a devolutiva dos resultados das vendas em forma de gráficos que haviam sido sistematizados ao longo de todo o ano por cada agricultor e dos produtos por eles comercializados na cesta. Durante a avaliação do projeto estes dados eram repassados aos agricultores seguidos de uma discussão sobre o andamento do projeto e sua avaliação. Ao término de cada ano um Relatório de Pesquisa era apresentado pelo bolsista e/ou estagiário com a sistematização de todas as informações do projeto, incluindo os dados da comercialização.

4 – Mobilização de Coagricultores: consistia na sensibilização e mobilização dos consumidores para um melhor entendimento sobre: o projeto e a agroecologia. Sobre seu papel como co-produtor e consumidor político. Para tanto, algumas atividades foram organizadas buscando maior participação e adesão dos consumidores como: menu degustação, piquenique colaborativo, cine-debate, minicurso, intercâmbios agroecológicos, entre outros.

5 – Eventos Científicos – participação da equipe e dos agricultores (as) em eventos para comunicação dos resultados do projeto e para a troca de saberes. Participamos junto com agricultores, entre outros eventos do I e II Encontro da Rede de Agroecologia da UFF.



Resultados e Discussão

O projeto Cesta Sabores da Terra foi realizado entre os anos de 2014 e 2020 pelo Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos (NERU) da Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes – RJ. Em seguida apresentamos algumas dimensões priorizadas e desenvolvidas no projeto

a) **A inclusão socioprodutiva, valorização dos produtos e a diversificação da produção** – ao longo do projeto tivemos como metas: a abertura de canais de comercialização alternativo para escoamento da produção dos assentamentos e o estímulo à transição agroecológica com inserção socioprodutiva, com preços que fossem considerados justo para os agricultores (as) e consumidores (as). A mobilização se deu com a sensibilização dos agricultores (as) interessados em realizar a transição agroecológica. Registramos no projeto 22 participantes sendo 12 mulheres, 03 jovens, 7 homens, a inserção de mulheres e jovens era prioridade. Em relação aos preços, buscamos a valorização dos produtos monetariamente e, pela qualidade diferenciada dos alimentos (agroecológicos, relações de confiança, informações sobre o lugar de produção e dos produtores). Outro aspecto relevante foi a diversificação dos produtos da cesta, iniciamos com menos de 10 produtos e em 2020, já dispúnhamos de 40 produtos, incluindo alguns semiprocessados.

b) **Criação de novos espaços de comercialização** – Além cesta e de feiras esporádicas na Universidade, outros espaços como a Feira Territorial e da Agricultura Familiar de Campos, a venda dos produtos para os mercados institucionais (PNAE), vendas individuais, vendas na Feira da Reforma Agrária promovida pelo MST na cidade do Rio de Janeiro foram acessados pelos agricultores e agricultoras.

c) **A interação entre os membros do grupo, entre grupos e produtores (as) e produtores (as) e consumidores (as)** – visando a formação da equipe, dos consumidores (as) e dos agricultores (as), foram organizados encontros de estudo com temas relacionados a agroecologia, ao manejo dos solos, consumo político, a construção social dos mercados, circuitos curtos de comercialização, realizamos ainda intercâmbios e mutirões agroecológicos, oficinas pedagógicas sobre compostagem, mercados institucionais – PAA e PNAE. Nos anos de vigência do projeto um conjunto de atividades foram desenvolvidas buscando aproximar consumidores e agricultores, entre estas atividades destacamos: **i – menu degustação** onde preparamos um almoço com os produtos da cesta, o objetivo era sensibilizar os (as) consumidores (as) – chamados de “amigos da roça” para a adesão ao projeto e para promover a interação entre produtores-consumidores.; **ii– piquenique colaborativo** – buscamos discutir a importância do consumo de alimentos saudáveis e livres de transgênicos e dos agrotóxicos. O piquenique aconteceu numa praça pública do município onde tivemos uma participação importante da comunidade local, incluindo crianças; **iii – redes sociais** – divulgação das atividades, dos produtos e informações gerais sobre agroecologia e agricultura familiar alimentaram a página do projeto no Facebook; **iv – sessões de cine-debate** – para promover o debate sobre temas sensíveis relacionados a agrobiodiversidade, a agricultura familiar, juventude do campo, protagonismo das mulheres, entre outros; **v – promoção e participação em eventos** - participação da



equipe e dos agricultores em eventos para comunicação dos resultados do projeto entre estes eventos destacamos, duas edições do Simpósio Internacional de Geografia Agrária, o I e II Encontro da Rede de Agroecologia da UFF e, agora participaremos junto com um grupo de agricultores e agricultoras do Congresso Brasileiro de Agroecologia.

O desenvolvimento deste CCAA mostrou-se efetivo em seu propósito de inserção socioprodutivo, sobretudo em nossa meta de potencializar a participação de mulheres. Em relação aos jovens, no entanto, fomos menos efetivos, acreditamos que a questão da sucessão e da busca por autonomia foram aspectos que pesaram negativamente em uma maior participação dos jovens no circuito. Em relação a diversificação da produção e a transição agroecológica todos os participantes realizaram a transição paulatinamente e de forma satisfatória. No entanto, a equipe sentiu falta de alguém especializado na equipe portador de conhecimentos agrônômicos que pudesse auxiliar nas dúvidas sobre manejo e combate a doenças, conhecimentos que teriam potencializado a produção e evitado algumas perdas. O fator climático, a baixa precipitação em alguns anos limitou o início do preparo e plantio da produção retardando o início do projeto.

A despeito da existência de novos canais de comercialização, no que se refere a participação dos (as) agricultores (as) nos mercados institucionais, esta foi muito limitada, sendo a ausência da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) física e jurídica o maior empecilho no acesso a este mercado, bem a questão do transporte.

As dificuldades para organização e associativismo afetam, sobremaneira o desenvolvimento da agroecologia no município, apesar das inúmeras experiências em curso. Além disso, o poder público municipal é pouco sensível a essa discussão. Em relação aos co-produtores, ainda um ponto sensível e que necessitamos avançar, sobretudo na compreensão por estes da responsabilização pela produção e pela construção e perenidade dos diversos CCAA em desenvolvimento no município.

Conclusões

Consideramos que a estruturação de RAA por meio de circuitos curtos é uma experiência valiosa para fortalecer a agroecologia e a agrobiodiversidade, tendo nos sistemas agrícolas desenvolvidos pelos agricultores (as) familiares um modelo de agricultura sustentável e essencial para assegurar o uso e manejo adequado dos recursos naturais sendo capaz de promover à segurança e soberania alimentar, tivemos muitos exemplos da atuação dos agricultores durante a pandemia na distribuição de cestas para populações em situação de elevada vulnerabilidade social.

O aprendizado construído coletivamente mostrou-se: i - efetivo em termos de formação teórica e prática dos conhecimentos agroecológicos, aspectos importantes para a construção da agroecologia como ciência, prática e movimento; ii – que a interação social, para além do aspecto econômico, permite que os diferentes atores fortaleçam os laços de solidariedade e confiança permitindo a estruturação das redes agroalimentares alternativas; iii – que o papel do Estado por meio das políticas públicas é fundamental no fortalecimento da governança e das relações de construção de mercados de qualidade, como àqueles voltados à produtos



agroecológicos; iv- a questão da terra, continua central tanto no que se refere ao acesso como para a produção, a soberania alimentar e aos processos democráticos engendrados em sua dinâmica.

Do ponto de vista da extensão universitária, a participação em redes agroalimentares alternativas de alimento possibilitou a articulação entre ensino-pesquisa-extensão. No entanto, a participação de professores (as) e estudantes requer um compromisso político e cívico muito maior que o prazo de execução do projeto. A rotatividade de estudantes-bolsistas, por vezes afeta o bom funcionamento do projeto já que as temporalidades e o espaços formativos requerem alinhamentos constantes.

Agradecimentos

Nosso agradecimento aos agricultores e agricultores e lideranças que acreditaram, apoiaram o projeto e nos ensinaram a amar ainda mais nossa terra-mãe e lutar por um projeto de sociedade, justa, democrática, autônoma, soberana e popular.

A Proex, Prograd, Proppi, Agrir na UFF e a Faperj no financiamento de projetos e, sobretudo de bolsas que permitiram ao longo dos anos a participação dos estudantes. Também agradecemos a todos os estudantes e voluntários que não mediram esforços para o funcionamento do projeto.

Referências bibliográficas

CASTRO, Josué. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROVER, Oscar José; DAROLT, Moacir Roberto. Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica. In. DAROLT, Moacir Roberto; ROVER, Oscar José (orgs). **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021, p. 19 – 44.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. Global Assessment of Human-induced Soil Degradation (GLASOD). FAO: Land & Water, 2021.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry; BANKS, Jo. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. In. GAZOLLA, Marcio Gazolla; SCHNEIDER, Sergio (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 27 -52.

MARSDEN, Terry; RENTING, Henk. Uma réplica ao artigo: “Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural”. In. GAZOLLA, Marcio Gazolla; SCHNEIDER, Sergio (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017[2016], p. 53 -58.